

## A pandemia lá fora e o desafio do deficiente em casa

Clara Fernandes

Professora de História da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Alagoas, Brasil.

---

**Como citar:** FERNANDES, C. A pandemia lá fora e o desafio do deficiente em casa. *Revista Científica Novas Configurações – Diálogos Plurais*, Luziânia, v. 1, n.2, p. 6-10, 2020. <https://doi.org/10.4322/2675-4177.2020.013>.

---

Artigo sobre os acontecimentos durante os quatro meses de pandemia no meu apartamento em Recife.

Quem sou? Meu nome é Clara. Venho de uma família enorme de nordestinos, moro em Maceió. Sou natural de Recife e meus pais eram sertanejos da Paraíba. Considero-me uma mistura de tantas coisas. Sou formada em História e faço parte do grupo de docentes da Universidade Federal de Alagoas. Por fim, sou deficiente física. Ao nascer prematuramente, tive lesão cerebral, com apenas 6 meses e dez dias. Fala que ouvi dos meus pais desde muito pequena. Isso faz parte do meu DNA. Eu sou esse conjunto de definições inseparáveis. Ainda carrego comigo uma qualidade, sou uma pessoa de bom humor e tento passar as etapas, que a vida me impõe, com um pouco de leveza. O certo que tenho aguentado até aqui.

Não sou engraçada, mais muitas coisas engraçadas acontecem na minha vida, quase que diariamente. Não sei se acho graça facilmente, ou realmente, se isso vale a pena ser qualificada como tal. Ainda bem que o artigo passará por um crivo sério, pois não quero escrever sob a ótica do medo ou do pavor, já basta.

Começou a pandemia no mundo... Está na China, do outro lado do mundo, portanto, não vai chegar nem tão cedo. Esqueci uma coisa chamada avião, lascou todo mundo e eu estou dentro desse pacote...uuii.. Não fiquei de fora de sentir medo, ele, o Covid 19, se tornou mais real, quando os casos começaram a crescer no continente europeu. Até que chegou lá no sul do país e eu como nordestina pensei: o meu país nordestino é pobre, sem água, sem saneamento e sem comida para todos. Logicamente, ferrou. A Pandemia chegou e chegou com força. Por aí começou a minha saga. Até estava mais ou menos “tranquila” com o covid, quando condenarem um transporte maravilhoso chamado elevador. Espaço contaminado e condenado pelos infinitos infectologistas sem diploma, que de uma hora para outra surgiram no país. Primeira pergunta: como sair de casa e entrar na “caixa de perigo”, sem tocar em nada, nem nos botões do elevador e ainda me manter equilibrada dentro dela? O grande desafio. O que fazer? Não sair de casa sem um apoio humano, caso contrário seria comida pelo monstro do Covid 19. Qual foi a saída? Sair com o apoio de um dos meus irmãos.

O elevador que eu achava o máximo tornou-se algo terrível. Passei noites sem dormir direito pensando em alternativas, como sair sozinha, mas ainda não existem. Como me tornar uma equilibrista de uma hora para outra? Ou você toca em todo o elevador (porta, botões, paredes) e ao chegar em casa, lava braços, mãos e até o juízo. Pensei em ter aula com os equilibristas do Cirque du Soleil mas, infelizmente, por conta da pandemia, a companhia demitiu os artistas, portanto, a grande saída que tinha pensado foi “por água abaixo”.

Uma das alternativas que encontrei para me sustentar no elevador é colocando o cotovelo em algum momento, quando preciso me equilibrar. Os cotovelos são mais fáceis de lavar que as duas mãos... Brincadeira, nada é fácil, mas a área do toque realmente é menor que as mãos. Pelo menos na minha lógica. A partir da “cavinha”, classifiquei a entrada em um elevador como momento de emoção. Assim como é emoção receber algum pedido, ou mesmo receber a feira por meio de um entregador... Pânico na

---

**Apoio financeiro:** Nenhum.

**Conflitos de interesses:** Os autores declaram não haver nenhum conflito de interesse.

**Correspondência:** [clarasufe@uol.com.br](mailto:clarasufe@uol.com.br)

**Recebido:** 03 jun 2020.

**Aprovado:** 29 jul 2020.

**Editor:** Marcelo Máximo Purificação.

---

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



multidão. Realmente, são novas emoções que estamos vivendo. Encontrei uma saída: usar luvas descartáveis e jogar fora depois. Mas há um grande problema, elas são altamente poluentes e como não sou da área da saúde, sinto-me culpada.

O texto será apresentado por tópicos que resumem minhas dificuldades ou não por ser portadora de deficiência nos tempos da Pandemia. O segundo ponto será a feira. Muitos dos meus amigos perguntaram: como eu estava fazendo? A minha resposta sempre foi: chegando a feira, eu limpo tudo com álcool gel ou/ e água e sabão. Moro sozinha desde 1995, portanto sei fazer uma higienização como qualquer pessoa. Posso até demorar mais um pouco, mas a minha incapacidade reapareceu na cabeça de alguns amigos. Será porque estão vendo as suas incapacidades agora, em seus dia a dia? Não tenho muito equilíbrio, mas ele é físico e não mental severo.

A outra pergunta frequente: Mas você está sozinha? Eu moro só há anos, porque não posso ficar sozinha na pandemia? Tive que dizer não há várias pessoas que queriam me acolher. Eu teria que fechar duas casas e perder a minha autonomia e o meu cotidiano dentro de minha casa, porque não era capaz de enfrentar uma pandemia? Não estou em Maceió, onde trabalho e moro, mas em Recife, cuidando do meu novo apartamento e da minha vida como posso. Enquanto isso, o meu apartamento em Maceió está fechado. Nem por isso deixei de comer, dormir ou tentar me divertir. Ter autonomia é maravilhoso, mesmo numa tensão como essa, pois tenho plena liberdade de fazer as coisas, dentro do que eu determino. Acho que ter o próprio espaço foi uma das coisas mais maravilhosas que conquistei. Vou perder por conta da pandemia? Isso é muito louco, mas quantas pessoas, como eu, estão enfrentando tudo isso, sem sair dos seus espaços já conhecidos e adaptados. O mundo do deficiente ainda é invisível e que agora começou a aparecer para algumas pessoas consideradas “perfeitas”.

Outro instrumento maravilhoso, que aprendi a andar ainda bem pequena foi a escada rolante. Acho o máximo, uma maravilha!!! Meio de “transporte” fantástico que nos leva a andares superiores ou inferiores, sem o menor esforço físico. Após a liberação do comércio pós-pandemia - eu que sou uma consumidora abaixo da média, mas mesmo assim, esporadicamente, vou aos shoppings - comecei a pensar: Como subir as escadas, sejam elas rolantes ou não? Normalmente, vou às lojas sozinhas e agora acho que vou que contratar uma acompanhante, ou melhor, um acompanhante para me socorrer aos novos perigos, que nem tão cedo vão nos deixar. Ou vou deixar de andar de escada rolante para não pegar no corrimão e ir à caixinha do perigo, assim percorrer os espaços dentro do shopping.

Tenho pensado muito nesta situação e o artigo me fez pensar como resolver a situação. Vou comprar um andador. Comprar um andador para não tocar em nada, nem nas pessoas e além de tudo me manter, finalmente, equilibrada pode ser a grande e maravilhosa saída. Será? Não é tão fácil assim. Terei que testar os modelos disponíveis no mercado, pois caso contrário, pode ser um desastre e ao mesmo tempo uma experiência bastante divertida. Vou testar e tenho certeza que será uma aventura. Uma emoção! Assim, medo e emoção positiva, ligada ao riso, se misturam. Por um único motivo sou desastrada e me enrosco em tudo que passo perto. Será uma mistura ótima: andador, bolsa, material de trabalho e falta de coordenação. Já imagino a cena, terei que aprender a ministrar todas as coisas.

Acho que a literatura e a imaginação de cada um pode costurar essa teia sem o menor problema e da forma mais divertida possível, porque é assim que estou fazendo. Todo mundo diz assim para mim: “calma! Não fique estressada.” Conselho que não adianta de nada, não é fácil enfrentar e colocar as forças nas pernas e braços e manter o equilíbrio, mesmo com uma pessoa ao meu lado. As situações de perigo acontecem e mesmo assim posso rir, achando realmente engraçado ou hilário tudo isso. Como dizia um tio meu: “Tudo que é ruim de passar, depois é bom de contar” (Ariano Suassuna).

Eu fico pensando, quem tem equilíbrio, já tentou andar de forma desequilibrada por cinco minutos? Tentem! Talvez vocês possam sentir um pouco o que eu estou tentando repassar para um leitor equilibrado. Aliás, quem são os equilibrados? Posso não ter o equilíbrio físico e por isso corro atrás do equilíbrio mental, mas com o Covid 19 esse pensamento foi atingido em cheio, colocando em cheque as minhas certezas. Estou numa sinuca e não tenho uma saída imediata. Acho que isso é o meu grande dilema agora. Mas, vou encontrar uma saída e o artigo pode me ajudar a encontrar uma possibilidade.

Um ponto polêmico: tirar o sapato do lado de fora da sua casa? Como? Sentar onde com segurança, manter o equilíbrio, calçar o sapato, limpar as mãos, não contaminar nada? Outra forte emoção. Por conta da Covinha ganhei um banco devidamente pesado para me calçar com segurança, sem ter o perigo de ele virar. E eu não sou pesada, mas banco é um bicho traiçoeiro e se for de plástico é três vezes pior. O sapato só tem contato comigo uma vez por semana, quando vou almoçar na casa de minha irmã. Não calço chinelos nem sandálias, que não sustentam nos meus pés. Colocar uma meia escorrega e aperta os dedos. Ficar descalça é a solução e para isso, a casa tem que estar limpa ao extremo. Passo o dia todo sem qualquer tipo de calçado e meus pés livres e sem aperto, não ficam com marcas ou empoeirados. Achávamos, anteriormente, que tirar os sapatos antes de entrar em qualquer residência era exagero, estávamos enganados. Será difícil ir à casa de qualquer pessoa agora. Tirar ou colocar sapato é uma etapa que preciso usar as mãos, já que não tenho mobilidade nos pés. Colocar o sapato e sair de casa. Lá vem



um complicador: Como colocar o sapato se não me equilíbrio em pé, sem apoio? Não consigo me calçar sem o apoio das mãos. Meu pé não tem força para entrar no sapato, sem a ação de minha mão. O que fazer? Pedi a minha irmã um banco, que fica próximo á porta e assim posso pegar no sapato, calçar, lavar as mãos, para depois sair. Ufa!!! Antes, tenho que colocar a máscara. Com tudo isso feito e só então, vou para o elevador. O novo mantra começa na minha cabeça: Não tocar em nada, se equilibrar, entrar no elevador, sair, ir para o carro. Sentar... Pegar o outro elevador na casa de Rita, sempre me segurando no ombro de minha irmã.

Chegando a casa dela, depois de mil acessos de riso, sento num banco pesado, para tirar os sapatos e lavar as mãos e cotovelos (meu novo ponto de apoio).

As coisas engraçadas comigo acontecem quase que diariamente. Vim para o Recife passar o restinho das férias e me encontrar com meus irmãos, momento ideal para finalizar um período. Vim passar três dias em Março e já estamos em Julho. Até agora não voltei para Maceió. Meu carro, minha casa e minhas roupas não vão me reconhecer. Falando em roupa, lá se vai mais um capítulo a ser contado. Como eu vim para o Recife passar poucos dias, não trouxe roupa na bagagem. Iria usar as que eu deixei aqui, já que ia passar pouco tempo. Lasquei-me. Estou usando o estoque do Recife há quatro meses. Felizmente, elas não são de algodão e não precisam passar. É só lavar e tudo está pronto para o uso. Sou prática demais, mas não aguento ver as mesmas opções. Ainda bem que não engordei, caso contrário, ficaria tudo apertada e curta. Além de tudo, são fáceis de vestir. Vestir qualquer roupa é um momento que exige de mim muita energia, pois faltam apoios, tenho que me sentar, a maioria das vezes, ir para o quarto. Por isso, visto uma roupa por dia. Até um tempo atrás, descobri que não tenho roupa de casa, pois coloco a de trabalho e a tiro à noite, quando chego a minha residência. Economizo energia e faço isso de forma automática desde sempre.

Aliás, a pandemia fez com que eu tivesse outras noções do meu corpo. Tenho tempo agora para observar com mais calma, isso é verdadeiro. Posso chamar isso de benefício? Por exemplo, os meus cotovelos tem várias funções e até agora não tinha me dado conta de como eles são importantes para o meu equilíbrio, principalmente ao lavar o corpo e os cabelos durante o banho. É por meio deles que consigo usar as duas mãos para lavar os cabelos, sem ter o perigo de escorregar ou cair no chuveiro cheio de xampu ou sabão. Vocês já tentaram lavar os cabelos com uma única mão? Vocês, meus leitores podem se enrolar.

O banheiro é um lugar perigoso, por conta da água, sabonete, xampu... Tudo escorrega dentro de um box e se ele for de vidro, piorou. O de minha casa em Recife é de vidro, lindo de se ver e perigoso de se ter, mais emoções. Mesmo assim é nele que curto o banho, adoro... Não sei como tem gente que não gosta de banho. Mas a água sempre fez parte da vida. Quando era pequena, meu pai me jogava no mar e deixava eu me virar. Logicamente, ficava perto para me acudir. Aprendi com ele a não ter medo do mar, a mergulhar e a boiar, uma delícia. Será que o banheiro é mais perigoso que o mar. Estou chegando à conclusão que sim. E tudo sendo limpo com água sanitária o perigo se tornar maior. Por isso limpo o banheiro por etapas para não ter perigo de cair. Quando digo etapa é: um dia limpo o box, outro dia as peças e o chão passo pano diariamente. Essa organização aconteceu somente agora, pois estou sem a santa faxineira. Consigo arrumar o meu Flat em uma hora e ele tem apenas 39 m<sup>2</sup>. Mas como faço tudo devagar para não cair ou sofrer algum acidente.

Ao acordar, arrumo a cama, tomo meu café e depois Faxina. A faxina, anteriormente feita por uma profissional, teve suas atividades suspensas por conta da pandemia. Para a minha felicidade, estou num estúdio e tudo se torna mais fácil. Mesmo assim, varrer, passar pano com água sanitária, limpar banheiro, fogão, manter tudo funcionando, demanda tempo e organização. Ainda bem estou com tempo e sou organizada. Além de tudo, descobri que há alguns instrumentos milagrosos para limpar uma casa: o esfregão. Só que mesmo assim, com o chão molhado com água sanitária, ele fica super escorregadio e dancei alguns momentos. Fiz tanta força no esfregão que ele quebrou, mesmo assim o usei bastante antes de danificá-lo. A saída, por enquanto, é o usar pano, ainda bem que tenho um rodo, mas estou com saudades do esfregão. Por conta da água sanitária, meus pés despelam, por serem extremamente finos. Usar o pão de chão por meio dos pés, nem pensar: não coordeno os pés, não tenho força para puxar o pano. O rodo de passar pano é eficiente, mas mesmo assim, tem que ter um saco específico, porque um pano somente não funciona comigo.

Como sou uma senhora, estou no grupo de risco, e “fique em casa!” Não saía de casa, olha o elevador, não pegue táxi, use a máscara... O melhor é não sair e ficar sem esfregão, que nesses tempos até sumiram dos supermercados. Não sei onde foram parar. Todos nós sabemos da excelência desse instrumento, portanto ouvimos quando estamos à procura de certos produtos: “temos o produto, mas está faltando!!!”. Até hoje não entendo essa fala, mas ela é muito comum. Paciência.

Estamos confinados em casa, nós todos e como conviver com a pandemia durante tanto tempo e com a deficiência. Uma das coisas mais importantes e como lidar com a deficiência e a necessidade de fazer exercícios. A internet tem inúmeros sites para as pessoas jovens, atletas, mas a categoria de



deficiência que não frequenta os centros de fisioterapias, por não precisar, não tem nenhuma representação. Eu faço yoga e isso tem me servido muito. Falo com meu professor por telefone. Todos os dias pela manhã faço 30 minutos diários e me deixou mais ativa, principalmente, porque antes, a faxina da casa é executada.

Temos que tomar sol, manter a vitamina D. Como fazer quando o sol bate na sua janela até às 8 horas da manhã e não posso descer pela caixinha de perigo? Quando cheguei a Recife/PE, no mês de março, o sol ficava até as 10 horas batendo na janela da sala. Era ótimo, mas agora com o inverno, houve uma mudança no percurso dele.

Eu adoro duas coisas: dormir tarde e não acordar cedo. Quando estou trabalhando, normalmente, sou capaz de acordar 6 horas da manhã e sem cara feia, mas com a pandemia, não vou acordar cedo para tomar 10 minutos de sol. O melhor é dormir.

Tem que fazer exercício e caminhar em casa. Como fazer isso em 39m<sup>2</sup>? Ainda bem que faço yoga. Sob orientação do meu professor, aprendi a fazer uma simulação do andar. Consigo fazer o exercício durante 10 minutos, ou seja, dou 600 passos. Depois faço uma série da yoga, mas me incomoda muito não ter o professor por perto, para fiscalizar se as posições estão corretas. Não posso utilizar a internet do telefone para isso.

Eu vinha uma vez por mês para a Veneza Brasileira e voltava para Maceió, portanto, não é vantajoso ter internet em casa sem uso durante tanto tempo. Vim e estou em Recife apenas há quatro meses e a internet está me fazendo falta, assim como tv a cabo.

Agora, não quero ter uma pessoa aqui para instalar, porque o profissional pode me infectar. Depois terei que limpar tudo que ele tocar. Situação classificada vermelha na minha cabeça. Minha casa está segura e não vou quebrar isso. Ufa, mas uma vez paciência. Como afirmei mais acima, minha faxineira não pode retornar agora e a limpeza seria complicada para mim. Melhor aguentar até tudo isso acabar

Ainda tendo como tema a casa, há outras atividades que exige de mim muita energia e tive que lidar: passar óleo nos móveis (parte inferior da mesa, cadeiras e cama). Ajoelhar e baixar ao máximo são atividades difíceis de fazer, portanto, não faço tudo no mesmo dia. Fazendo as atividades domésticas por etapa, consigo à tarde fazer exercício e não esgotar meu corpo. Nas duas primeiras semanas durante as manhãs e não percebi o cansaço do corpo. Depois comecei a pensar e dividi o tempo. Além de tudo, tenho que preparar as refeições. Felizmente, gosto de ir para a cozinha e tenho jeito. Aprendi, por conta do confinamento, a fazer algumas coisas novas como pão, bolo de milho. Fiz pudim de leite para minha irmã. Mesmo com todo o amor que tenho a arte de cozinhar, não é um lugar seguro, temos fogo, vidros, facas... Lido com isso tomando alguns cuidados: não tenho facas de corte afiadas, não tenho depósitos de vidros, mesmo assim durante a pandemia, quebrei xícara, derramei sopa e copo de vinho no chão, arroz cru e cosido (no mesmo dia). O pior é limpar tudo. Os produtos que caem das nossas mãos têm o poder de multiplicação, o desmantelo sempre é grande. Ao limpar tudo, já passou a fome ou vontade de beber. Ainda tem que se tomar um banho pelo calor que se sente depois da “ginástica”. Tive vários acessos de riso por conta disso, mas a limpeza teve que ser feita.

Há emoções fora de casa, mesmo em quarentena como: Ir ao banco e ao supermercado. Fui durante o início da pandemia, agora estou passando a usar a tecnologia para fazer os pedidos, incluindo a farmácia e a padaria. Mas ir ao banco no início tornou-se um momento de emoção, já que o equilíbrio é um ponto fundamental de sobrevivência. Chegando ao banco, a minha digital do indicador da mão direita não foi reconhecida. Depois de pensar um pouco, conclui: o uso da água sanitária e as mãos ficaram muito finas. Não consegui fazer transferência financeira para pagar o aluguel ou condomínio. Entrei em pânico, mas foi quando me dei conta que eu tinha uma outra mão, a esquerda. Salvação imediata. Mas, na agência peguei e me apoiei em tudo que tive direito, não teve jeito. Chegando em casa, banho de cabeça e troca de roupa. Agora agradeço a tecnologia, que nos salva em alguns momentos financeiros. Ao supermercado fui duas vezes e depois tive ajuda de pessoas para fazer a minha feira. No momento, minha irmã faz o pedido pela internet e depois ela deixa aqui em casa. É bom só assim a vejo, por alguns minutos. E para a “alegria” de alguns amigos não preciso higienizar mais os produtos, apesar de ser capaz fazer tal atividade, pois antes da pandemia mantinha e continuo mantendo uma casa.

Novos tempos. A água vem por contato telefônico. Não consigo carregar nem 10 litros, imaginem 20 litros, nem pensar. Por conta disso, o carregador tem que entrar na casa, limpar o garrafão de água e colocar no suporte. Ainda bem que os rapazes são educados e não se incomodam de tirar os sapatos para entrar no meu espaço, pois estou descalça cem por cento do tempo. Neste momento de pandemia tive a oportunidade de quebrar um garrafão de água de 10 litros dentro do meu apartamento de 39m<sup>2</sup>. Tive uma piscina dentro de casa em poucos segundos. Imaginem a minha cara. Eu achava que não estava acontecendo, mas foi verdade. Levantei o garrafão e ficou alguma água dentro dele, mas não sei precisar o quanto, pois tive que enxugar tudo que estava molhado, principalmente o piso. Depois de uma meia hora tudo enxuto e então pedi outro garrafão dessa vez com 20 litros, já que eu não ia pegar nele.



Lá em Maceió tenho meus livros e meu carro, que posso considerar como continuação das minhas pernas. Ele me leva para onde eu preciso e quero ir. Coitado, vai me estranhar assim como meus livros. Será que o meu gabinete já virou um sebo de livros? Há muito tempo os livros não são tocados e nem abertos para que a história seja absorvida e que me levam a tantos lugares. Livro tem vida e nos dá vida, é uma certeza. Tenho feito ótimas leituras, para isso a pandemia serviu, estou lendo em média um livro por semana. Tenho dois na espera, mas até agora li 13 exemplares e mais um em andamento. A pandemia me fez enxergar o quanto à leitura me salva. Tenho essa ferramenta nas mãos antes mesmo de aprender a ler. Minha mãe sempre me ofereceu a leitura desde muito nova com gibis e revistas coloridas para preencher os meus dias, pois andei com mais de três anos, quase quatro E não por coincidência me formei em História.

Meu carro deve estar mofado e os pneus quadrados, nem vou fazer referência à bateria, deve estar mortinha, mas o carro é uma peça fundamental para mim, são as minhas pernas. Vitoriano HD é o seu nome. Coitado, deve estar desmontado e mofado! A bateria deve estar morta, os vidros sujos e a gasolina colada no depósito. Carro ressuscita? Tem santo de carro? Deve ter, porque já vi placas com o seguinte: Foi Deus quem deu. Deus sabe dirigir? Em que autoescola ele aprendeu? Coitado! Mesmo assim vou ter que apelar, pois dependendo do carro para trabalhar. Espero que ele me reconheça, quando eu retornar a Maceió.

Não gosto de classificar as coisas com sentimentos, mas os livros e o carro fogem ao padrão. São os dois objetos que possibilitam o movimento para os lugares e isso é fantástico (um pelo pensamento e o outro pelo deslocamento real). É por meio dos livros e da música que estou conseguindo manter a minha mente sã.

Não quero afirmar que está sendo fácil e a maioria das pessoas acha que nós estamos com tempo sobrando para escrever. Mas escrever necessita de equilíbrio, suporte bibliográfico e inspiração. Essa estrutura ou cadeia não pode ser quebrada, caso contrário, o suposto artigo fica se consistência. Recentemente, aconteceu uma proposta para escrever um artigo científico, mas estou sem meus livros e o processo de inspiração está falho. Como fazer? Não pude atender ao pedido. Não estamos vivendo uma normalidade e há uma força para a gente acreditar o contrário, por parte do mundo acadêmico? Acredito que sim. A situação deste artigo é diferente. São as minhas experiências engraçadas ou não, mas não são angustiantes. Elas pertencem só a mim? Estou escrevendo para tentar mostrar outras perspectivas e para as outras pessoas que viver em situação de pandemia é possível. Tentar levar isso com mais leveza, é possível, mesmo tendo uma visão crítica do que acontecendo ao nosso redor. Mesmo em um espaço pequeno tenho minha rotina, faço minha comida, cuido da roupa e do meu corpo.

Pensar que a cada dia é um dia de vitória, me ajuda, pois não fui contaminada pelo Covid 19, enquanto alguns amigos, conhecidos, estudantes que faziam parte da comunidade da UFAL, infelizmente, faleceram. Os fortes serão os sobreviventes/saudáveis dessa pandemia. O mundo já passou por inúmeras crises de pandemia na Idade Antiga, Idades Média e Moderna, além da Idade Contemporânea. Hoje, a comunicação e a globalização nos tornam únicos, de apenas uma grande aldeia mundial. Não acredito que haverá uma mudança universal, mas nos nossos pequenos mundos sim. Uma delas é o uso da máscara e a lavagem das mãos com maior frequência. O nosso Padre Cícero em pleno sertão salvou inúmeras pessoas com o ensinamento de lavar as mãos. Naquela época (início do século XIX), a ação de higiene foi atribuída a milagres, pois a falta de assistência de saúde à população sertaneja do nordeste não existia, tudo era muito precário e tudo era atribuído a Deus. Vamos seguir este milagre, que salva vidas e é uma lição da ciência que a maioria da população moderna ainda não aprendeu.

Com tudo isso exposto, agradeço e me despeço. Agradeço em especial a dois profissionais e amigos/irmãos: Edgar Trapp e Erivan Almeida que me incentivam e acreditam na minha forma de pensar e agir.

---

#### **Informações sobre os autores:**

CF: Professora de História da Universidade Federal de Alagoas, trabalhando com História Oral/memória e com as questões étnicas raciais, afro brasileiras e com as comunidades quilombolas. E-mail: clarasufe@uol.com.br

**Contribuição dos autores:** CF: conceitualização, captação de recursos, supervisão, redação.